



A MULHER NO ESPAÇO DO FUTEBOL: UM ESTUDO A PARTIR DE MEMÓRIAS DE MULHERES

Márcia Cristina Furtado Ecoten¹
Berenice Corsetti²

Depois de muito tempo de invisibilidade social feminina, as mulheres conseguiram chegar a espaços que, antigamente, eram destinados e permitidos apenas aos homens. Mas isso foi resultado de diversas lutas dos movimentos feministas, desde os séculos XIX e XX, que trouxeram avanços em relação às condições de vida da mulher. Tais conquistas podem ser consideradas como uma revolução em nosso tempo. O movimento feminista caracterizou-se pela luta em busca de diversos direitos para as mulheres, dentre eles direito à igualdade, acesso ao mercado de trabalho, direito ao voto, papel sexual da mulher, reivindicações e denúncias de violência contra a mulher, participação efetiva das mulheres na política e demais órgãos públicos, entre tantos outros.

Hoje vemos mulheres em posições que, até pouco tempo, eram improváveis, como na política, na direção de grandes empresas e de órgãos públicos e em tantos outros cargos que caracterizaram-se por ser destinados aos homens.

As mulheres e o silêncio historiográfico

A história das mulheres é caracterizada por um grande silêncio historiográfico. Isso é bastante contraditório, já que muitos autores afirmaram, em distintos momentos, que “tudo é história”. Se temos a consciência de que “tudo é história”, porque as mulheres ficaram excluídas da história por um longo período de tempo?

Michelle Perrot (2007) afirma que há duas grandes explicações para esse ocultamento das mulheres frente à história. A primeira delas seria a pouca visibilidade feminina no espaço público, que foi o grande objeto de interesse, durante muito tempo. A segunda explicação seria o silêncio das fontes, pois, as mulheres deixavam poucos vestígios escritos ou materiais, pois tinham um acesso à escrita muito tardio, e suas produções domésticas eram prontamente consumidas ou dispersas.

Outro ponto importante para a ausência da mulher ao longo da história é que esta, durante muito tempo, foi vista e escrita sob a ótica masculina. Esta ótica privilegiava sempre a visão do

¹Licenciada em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Contato: marcia.ecoten@hotmail.com

²Doutora em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Contato: bcorsetti@unisinobr



homem, tratando a mulher apenas de forma generalizada. Perrot (2005) reafirma isso: “É claro que falam das mulheres, mas generalizando. “As mulheres são...”, “A mulher é...”. A proximidade do discurso sobre as mulheres contrasta com a ausência de informações precisas e circunstanciadas.” (p. 17)

Ainda segundo Perrot, em várias sociedades, a invisibilidade e silêncio das mulheres era uma questão de ordem das coisas, pois isso era a garantia de uma cidade tranqüila:

[...] Sua aparição em grupo causa medo. Entre os gregos, é a stasis, a desordem. Sua fala em público é indecente. “Que a mulher conserve o silêncio, diz o apóstolo Paulo. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão.” Elas devem pagar por sua falta num silêncio eterno.³

Para a autora, o silêncio mais profundo é o do relato, pois desde os primeiros historiadores, gregos ou romanos, na Antiguidade, este relato é baseado no espaço público, falando das guerras, dos reinados, dos homens, ilustres ou públicos. Isso também ocorria nas crônicas medievais e histórias de santos.

O pouco que havia de estudos sobre a mulher, a tratava como uma figura frágil e submissa, especialmente na Antiguidade, Idade Média e Idade Moderna. Até mesmo os livros infantis, lidos até hoje, trazem história de mulheres frágeis, protegidas por homens fortes e destemidos. A pesquisadora Jacqueline de Romani, no livro *O Lugar da Mulher* (1982), deixa bastante clara essa situação:

As estórias infantis, sobretudo os contos mais clássicos, oferecem uma série de exemplos [...]. Basta lembrarmos de Branca de Neve, Cinderela, A Bela Adormecida, dentre outros. O padrão de comportamento de homens e mulheres refletidos nestas estórias é, via de regra, o seguinte: A bela, frágil, doce e indefesa heroína “dorme” (literalmente no caso da Bela Adormecida, ou quase), e há um belo e forte herói, de preferência nobre, que passando por ali (os homens em geral passam galopando, indo e vindo, simbolizando o movimento), a encontra, desprotegida e cercada de perigos. Ele se apaixona por sua beleza e fragilidade, ela está salva, pois tem a sua proteção [...].⁴

A autora segue sua exposição, lembrando que, ainda nestas estórias, as mulheres que são atuantes e decididas são sempre às vilãs, aquelas que merecem ser castigadas no final. Habitualmente, são as bruxas, megeras, feiticeiras e madrastas, que confrontavam a idéia de que o sexo forte era o masculino.

O silêncio reservado às mulheres era reiterado por diversos campos, como a religião, os sistemas políticos e pelos manuais de comportamento. Mas não podemos acreditar que as mulheres foram passivas a tamanha invisibilidade. Muitas delas, desde a antiguidade, tentaram romper com as regras impostas pela sociedade machista em que estavam inseridas. Mas foi século XIX que as

³ PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: Edusc, 2005, p. 17.

⁴ ROMANI, Jacqueline Pitanguy de. *Mulher: natureza e sociedade*. In: LUZ, Madel (org.). *O lugar da Mulher*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982, p. 64.



mulheres foram se apropriando gradativamente do campo do trabalho, em fábricas, escritórios e diversos outros locais, tidos como “masculinos”, o que fez com que, finalmente, fosse se desenvolvendo uma “consciência de gênero”.

A Historiografia Hoje

O aumento significativo de estudos que tratam a temática da mulher e ainda discussões de gênero decorre de diversos fatores que, de certa forma, se relacionam entre si. Fatores científicos, sociológicos e políticos fizeram com que a mulher virasse um “objeto de estudo”, tanto nas ciências humanas em geral, quanto na história. Este surgimento de uma História das Mulheres ocorreu, primeiramente, na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, ainda na década de 60, e na França, na década de 70.

Como fator científico, podemos apontar as grandes transformações que o campo da História vem sofrendo, nos últimos anos. Como fator sociológico está a presença das mulheres na universidade. Houve um aumento significativo no número de mulheres que passaram a estudar e ainda, lecionar nestas instituições, especialmente após a Segunda Guerra Mundial.

A autora Maria Izilda de Matos (1997), na obra *Gênero em Debate*, nos mostra que foi na década de 70 que as mulheres “entraram em cena” e tornaram-se visíveis na sociedade e na academia. Foi nesta época que surgiram diversas novas pesquisas sobre o tema, fazendo com que os estudos sobre a mulher deixassem de vez a marginalidade em que se encontravam. Ganharam espaço estudos sobre o trabalho feminino, principalmente o trabalho fabril. Isso porque o trabalho tinha um papel fundamental para a sobrevivência, e também por ocupar grande parte da vida cotidiana da humanidade.

Na década de 80, no Brasil, a produção a respeito das mulheres tratava abordagens variadas, analisando e problematizando aspectos distintos referentes à categoria “mulheres”. A *Revista Brasileira de História*, no ano de 1989, publicou um número tratando especificamente o tema da mulher. A edição recebeu o título de “A mulher no espaço público” (v.9, n.18). Na apresentação deste número, a organizadora, Maria Stella Martins Bresciani dizia que a história das mulheres é uma “história de exclusão”. Falar sobre o tema, de agora em diante, era uma forma de se tentar reparar, em parte, todo o tempo em que as mulheres foram excluídas dos estudos históricos.

Matos (1997) afirma que, nas produções mais recentes e significativas, foram resgatados os estudos sobre poderes e as lutas femininas, procurando recuperar a atuação das mulheres no



processo histórico, como sujeitos ativos, fazendo com que a idéia de mulheres passivas, ociosas e confinadas no espaço doméstico, passasse a ser contestada.

Hoje em dia, existem incontáveis estudos referentes às mulheres, abrangendo temáticas que, até pouco tempo atrás, eram vistas com preconceito. Este é o caso das mulheres no esporte, especificamente, no campo do futebol, uma temática não muito estudada, e que traremos a seguir.

A Mulher no Espaço do Futebol

Com o avanço das conquistas feministas, alguns aspectos relacionados à vida da mulher, foram sendo tratados de forma mais aberta. Sua participação no esporte foi um destes aspectos, mas sempre rodeado de dificuldades e preconceitos. Como exemplo, podemos citar o futebol. Este esporte, desde sua origem, foi marcado por uma maciça presença masculina. Como este espaço não é apenas um espaço esportivo, mas também social, os valores da sociedade tiveram um reflexo marcante na constituição da idéia de que futebol não era um espaço feminino.

A discussão entre espaços femininos e masculinos vem sendo trabalhada ao longo do tempo, nas mais diversas sociedades. Essa dicotomia sempre existiu, e a própria sociedade, especialmente o meio familiar, até nos dias de hoje, faz com que ainda exista esse tipo de distinção. Este aspecto pode se reafirmado por um depoimento dado em 2004, pelo então técnico da Seleção Brasileira Feminina de Futebol, Renê Simões. Na véspera da partida final dos Jogos de Atenas, o técnico deu uma declaração a uma emissora de televisão, pedindo desculpas a suas três filhas, por nunca ter lhes dado de presente uma bola de futebol, e por nunca tê-las ensinado a jogar.

As mulheres sempre estiveram envolvidas neste esporte, no Brasil, de diversas formas, tanto nos bastidores, como jogadoras amadoras. O esporte, inicialmente, tinha um caráter mais social, pois era um divertimento das elites brasileiras. Fazia parte dos “eventos” de domingo.

Capellano (1999) nos mostra que as mulheres tiveram um papel precursor em relação às torcidas de futebol. O termo “torcer” foi incorporado ao futebol brasileiro devido ao modo como as moças das boas famílias se comportavam nestes eventos.

Foram as mulheres, aliás, que consagraram a expressão “torcer”. Como não ficava bem para uma dama se descabelar, gritar, chorar, com seu time de coração, elas levavam para os estádios pedaços de pano, os quais torciam durante as partidas para aliviar a tensão. O habito as fez ficar conhecidas como “torcedoras” e não demorou muito para o termo ser adotado para designar todos aqueles que compareciam com frequência às partidas no intuito de incentivar as equipes.⁵

⁵ CAPPELLANO, Renata. *O torcedor de futebol e a imprensa especializada*. Juiz de Fora: UFJF, 1999, p. 28-29.



Mas à medida que o futebol foi se popularizando no Brasil, houve uma mudança radical em relação ao esporte e aos espectadores das partidas de futebol. Saíram de campo os jogadores vindos das famílias mais abastadas, e entraram em cena jogadores que eram escalados por seu talento, e não por seu sobrenome. Com isso, a elite deixou os gramados e também as arquibancadas, mas não o futebol, ela passou então a ter outra forma de participação, controlando e dirigindo os clubes. Mesmo com a mudança de “estilo” dos espectadores, as mulheres continuaram acompanhando o futebol, claro que não mais as mocinhas da aristocracia, mas “outras mulheres”.

Gradativamente, as mulheres passaram das arquibancadas para os gramados. Em 1940 já havia notícias de partidas de futebol disputadas por mulheres⁶. Mas nesta época, viviam-se tempos de autoritarismo político no Brasil, e a heugenia fazia do corpo uma questão de Estado. Era preciso mulheres com corpos saudáveis para gerarem filhos saudáveis, contribuindo assim com a Nação.

Depois disso, aos poucos, o futebol praticado por mulheres foi se consolidando no país, com a criação de times femininos e também da Seleção Brasileira Feminina de Futebol. Mesmo com as conquistas que as “meninas do Brasil” alcançaram o futebol feminino ainda enfrenta muitos problemas. Além da discriminação, há a falta de patrocínio aos times e às jogadoras, em contraste com o futebol masculino, que nos faz conviver com cifras cada vez mais assustadoras.

Mas e a mulher como torcedora de futebol? Aos poucos, as mulheres foram ganhando espaço no campo de futebol, como torcedoras, como entendedoras e como debatedoras do até então “esporte de homem”. Hoje em dia vemos mulheres em diversos espaços do esporte, como jogadoras, como jornalistas esportivas, como árbitras, como técnicas, espaços estes, inimagináveis até bem pouco tempo atrás.

Segundo a autora Leda Maria da Costa (2007), nunca o termo “futebol é coisa de homem” esteve tão em baixa. Para ela, a mulher como “ser que torce” está se tornando cada vez mais comum em nosso meio, tanto em espaços como as arquibancadas dos estádios, quanto nos espaços virtuais da internet. Ela nos mostra que: “Em grupo ou isoladas, o fato é que as torcedoras de futebol vêm ganhando visibilidade, estimulando, desse modo, novas formas de composição identitária feminina, assim como, criando um público apreciador e consumidor de futebol que traz para esse esporte diferentes demandas e significados.” (p. 22)

⁶ Mesmo antes de 1940, já havia registros de partidas disputadas entre mulheres no Brasil. O historiador José Sebastião Witter afirma, na década de 90, em nota de rodapé ao texto *Breve História do Futebol Brasileiro*, que o primeiro jogo feminino que se tem notícia foi disputado em 1913, entre os times dos bairros da Cantareira e do Tremembé, em São Paulo.



Assim como em tempos mais antigos, ainda há, hoje em dia, uma série de preconceitos quanto à mulher que gosta de futebol. Para os homens, parece impossível que uma mulher possa gostar do jogo em si e as acusam de estarem atentas ao esporte apenas por interesse em jogadores, como se elas não fossem capazes de observar, além da beleza de determinado jogador, sua capacidade técnica também. Outra questão preconceituosa é a referência que fazem a feminilidade destas mulheres, colocando em dúvida sua opção sexual.

Nos dias de hoje, há um infinito número de torcidas organizadas especificamente femininas espalhadas por todo o país. Como exemplo, temos a Jovem Fla Pelotão Feminino (Flamengo - RJ), Dragões da Real (São Paulo Futebol Clube - SP), Galoucura Feminina (Atlético Mineiro - MG), Camisa 12 (Vasco da Gama - RJ), Mulheração (Volta Redonda - RJ), Gatas da Fiel (Paysandu - Pará), Força Feminina Colorada (Sport Clube Internacional – RS), entre outras.

Enfim, em se tratando de um país onde o futebol tem relação direta com o sentimento de identidade nacional, temos que pensar o quanto ainda precisa ser conquistado pelas mulheres dentro desse “campo”. O futebol é um espaço de sociabilidade e de liberdade, onde as mulheres também têm seu lugar.

Memórias de mulheres torcedoras de futebol

Como instrumento de pesquisa, montamos um roteiro de entrevistas semi-estruturado, para contemplarmos mais especificamente os aspectos que nos interessavam. Nosso objetivo foi o de compreender como se deu o processo de construção de identidade da mulher torcedora de futebol. Para isso trabalhamos com questões referentes ao surgimento e o significado dos clubes em suas vidas, as relações familiares e sociais relacionadas com seus clubes de futebol.

Apresentamos a elas ainda perguntas a respeito dos rituais de cada uma na hora de torcer, suas alegrias e tristezas ao longo de suas trajetórias como torcedoras e seus ídolos de referência. Trouxemos ainda uma questão especificamente sobre a mulher, perguntando o que cada uma delas pensa sobre a participação da mulher no espaço do futebol.⁷

Selecionamos cinco colaboradoras, tentando abranger diferentes faixas etárias, ocupações e relação com os clubes. Nossa faixa etária variou entre 27 e 61 anos de idade. Quanto às ocupações, entrevistamos duas funcionárias de universidades, uma secretária e uma professora. Contamos ainda com a participação de uma funcionária de um clube de futebol, que trabalha a 37 anos no clube.

⁷ Devido às dimensões deste artigo, não traremos citações das falas de nossas colaboradoras.



Para finalizarmos, entrevistamos duas gerações de uma mesma família, mãe e filha, que trabalham como voluntárias em ações de outro clube.

Com estas entrevistas percebemos semelhanças nas respostas de algumas perguntas. As mais comuns foram em relação ao surgimento do clube em suas vidas e ainda a respeito das relações familiares. Estas duas questões estão diretamente relacionadas uma à outra, pois todas elas torcem para seus clubes em função destas relações familiares e sociais. A maioria delas nos apresentou a família como fator fundamental para a escolha do clube. Apenas em uma delas esta relação se deu de forma diferente, pois a escolha do clube se deu por conta de relações de amizade, e não familiares.

Quanto ao significado dos clubes em suas vidas, obtivemos diversas respostas. Elas fazem referência à garra, à história do clube, suas raízes, à paixão, o orgulho e trabalho.

Para tentarmos perceber o envolvimento de cada uma delas com os jogos de seus times, apresentamos uma questão referente aos rituais de torcedoras de cada uma delas. Aqui, as respostas foram bastante vastas, pois cada uma delas apresenta características diferentes do ato de torcer. Uma delas destacou sua “evolução” como torcedora, pois foi ficando mais participativa ao longo dos anos. Outra nos diz que não é muito religiosa, mas que mantém um altar em casa, com divindades que ela acredita, e que faz oferendas em dias de jogos importantes.

Mãe e filha nos mostraram características semelhantes em relação às formas de torcer, certamente por sempre assistirem aos jogos de seu time juntas, normalmente no estádio. Ambas fizeram referência a certos “amuletos”, como camisetas e roupas do time que torcem e ainda portões de entrada no estádio (alguns dão sorte, outros não). Nossa funcionária de clube normalmente trabalha durante os jogos, mas também demonstra certos rituais, como o de sempre usar roupas e acessórios na cor do time, mesmo quando está de folga. Ela destacou ainda a preparação para o dia de jogos importantes – a concentração em família.

Pudemos perceber ainda que as memórias relacionadas às alegrias e tristezas fazem referência às conquistas mais recentes dos times, pois a maioria delas nos fala dos últimos títulos conquistados por seus clubes. Já em relação às tristezas, elas apontam algumas derrotas, especialmente contra rivais. Uma delas nos diz claramente que perder pra um time qualquer, tudo bem, mas perder para o rival é inaceitável. Quanto aos ídolos, as respostas, de forma resumida, nos trazem a presença de jogadores vitoriosos e com características semelhantes, como liderança, caráter, seriedade.



Nossa última pergunta foi a que tratava especificamente da questão da mulher no espaço do futebol. Todas elas destacam que houve evolução nos últimos tempos, mas que ainda há muito a ser conquistado e que o preconceito em relação à participação das mulheres neste campo ainda é grande. Uma delas faz uma comparação entre os dias de hoje e a época de sua mãe, que era freqüentadora de jogos de futebol, pois o marido era goleiro de um time. Nesta fala, temos a confirmação do que apontamos anteriormente, pois nossa entrevistada reafirma que o jogo de futebol era um acontecimento social e que as mulheres participavam dele sim, mas sempre acompanhadas.

Outra colaboradora diz que as mulheres estão cada vez mais conquistando espaços, não só no futebol, e que isso assusta os homens. Ela afirma ainda que as mulheres não conseguem mais espaço no futebol, profissionalmente falando, porque os homens fecham as portas para elas.

Nas respostas surgiram ainda lamentos pelo pouco número de torcedores para o futebol feminino. Mas comemoram o espaço conquistado nas arquibancadas e também dentro dos clubes, em ações sociais e até mesmo nos Conselhos Deliberativos de alguns clubes.

No final das entrevistas deixamos que cada uma delas fizesse alguma consideração que achasse importante e que não havia sido contemplada nas perguntas apresentadas. Nossa colaboradora que trabalha em um clube de futebol a muitos anos, destaca as mudanças que o futebol vêm sofrendo ao longo dos anos. Para ela, a competição monetária e as grandes cifras acabaram estragando o esporte, pois o foco não é mais o futebol em si, mas sim o dinheiro.

Duas de nossas entrevistadas falaram ainda de sua preocupação com a violência nos estádios, e ainda sobre a rivalidade exacerbada entre a torcida dos clubes. Como positivo, destacaram as campanhas vinculadas na imprensa, que vêm contribuindo para a diminuição da violência nos estádios. Uma delas apontou a presença de crianças nos campos de futebol como fator de conscientização contra a violência.

Considerações Finais

Em nossos estudos, percebemos que a mulher sempre fez parte do universo futebolístico, mas inicialmente, este papel era desempenhado de forma discreta, como agentes de um evento social, tal qual ocorria no início do século XX. Aos poucos, fomos percebendo mudanças quanto a esta participação. Com o tempo, as mulheres passaram a gostar, a entender e a jogar futebol, ato que foi inclusive proibido pelo governo de Getúlio Vargas.



Em relação ao campo específico da torcida, pretendíamos verificar como se construiu a identidade clubística destas mulheres. Para isso, trabalhamos com um roteiro de entrevistas, previamente estruturado, que abrangia questões-chaves para tal compreensão.

A pesquisa nos oportunizou perceber que a ligação com seus clubes, na vida de cada uma delas, esteve diretamente vinculada à família e às relações de amizade. Normalmente os pais eram torcedores, ou amigos muito próximos, que passaram esta paixão adiante. Para algumas, a reafirmação desta paixão ocorreu no momento em que tomaram conhecimento da história do clube e suas raízes históricas.

Hoje em dia vivemos tempos em que tudo é muito fugaz, passageiro, mas isso não pode ser aplicado à relação de um torcedor com seu clube do coração. Todas as nossas entrevistadas reafirmaram em seus depoimentos a sua identidade clubística, explicando inclusive que tal escolha nunca foi questionada.

A categoria de análise onde obtivemos mais amplitude nas respostas foi a que tratou do significado dos times na vida de cada uma delas. Elas fizeram referência à garra, à história do clube, suas raízes, à paixão, ao orgulho, ao trabalho e, ainda, às relações que o futebol estabelece entre as pessoas.

Nossas entrevistadas ainda nos falaram sobre seus rituais de torcedoras. Essa questão trouxe à tona toda a superstição que está ligada ao futebol. Cada uma delas, a sua maneira, demonstrou que o “torcer” tem diferentes modos de se concretizar. Algumas têm rituais religiosos, mesmo com santos, digamos, “alternativos”, outras demonstram sua superstição através de roupas, camisetas, ou apenas peças de roupas na cor dos times.

Outros questionamentos foram a respeito da admiração pelos ídolos e suas alegrias e tristezas. Todas elas fizeram referência grandes ídolos de seus times. Ficou bastante claro o porquê do destaque para estes jogadores, normalmente capitães em épocas vitoriosas dos times. Os ídolos apontados por nossas colaboradoras apresentavam características em comum, apontadas por nossas entrevistadas, como liderança, bom caráter, humildade, cultura e também pela beleza.

Trabalhar com a temática do futebol nos fez perceber o quanto este esporte já faz parte da vida das pessoas, especialmente, das mulheres. Vivemos tempos em que as mulheres além de torcedoras de seus clubes, gostam, entendem e discutem futebol. É uma pena que isso ainda seja visto com preconceito pela ala masculina, pois, para eles, uma mulher não pode simplesmente gostar de futebol e muito menos entender.



Temos muitas críticas ao futebol de hoje em dia, especificamente referente às transações milionárias de jogadores. Para nós, o futebol, há muito tempo deixou de ser um esporte popular. Prova disso são os preços dos ingressos nos estádios. Mas não podemos negar o fascínio e a paixão que tal esporte desperta nas pessoas. É justamente esta paixão e este fascínio dos torcedores que movem o futebol hoje em dia.

Trabalhar com as memórias destas mulheres torcedoras nos fez perceber que o ato de torcer é individual, mas ao mesmo tempo é algo coletivo, pois todas elas, diferentes entre si, se tornam tão iguais quando se trata do seu amor por um time de futebol. Iguais a nós também, pois à medida que íamos conhecendo suas histórias, íamos nos reconhecendo naquelas falas, e percebendo que, quando se lida com paixões, somos todas (os) muito parecidas (os).

Bibliografia

BASSANEZI, Carla. *Virando as páginas, revendo mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

CAPPELLANO, Renata. *O torcedor de futebol e a imprensa especializada*. Juiz de Fora: UFJF, 1999.

FILHO, Mário Rodrigues. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

FRANZINI, Fábio. *Futebol é “coisa para macho”?* Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 25, nº 50, dez. 2005. P. 315-328. Disponível em: <http://www.scielo.br/rbh>. Acesso em: 15 jan. 2009.

MATOS, Maria Izilda S. de. Outras Histórias: as mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades. In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOLER, Maria Angélica (orgs.). *Gênero em Debate: Trajetória e Perspectivas na Historiografia Contemporânea*. São Paulo: Educ, 1997, p. 85-114.

MELO, Victor Andrade. *Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910)*. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 27, nº 54, 2007, p. 127-152.

MINAYO, Maria Cecília (org). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOURA, Eriberto José Lessa de. *As relações entre lazer, futebol e gênero*. 2001. 125 páginas. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: Edusc, 2005.



ROMANI, Jacqueline Pitanguy de. *Mulher: natureza e sociedade*. In: LUZ, Madel (org.). *O lugar da Mulher*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982, p. 59-71.